

EDUCAÇÃO INCLUSIVA NO ENSINO REGULAR: O AUTOAVALIAR-SE NA PRÁTICA PEDAGÓGICA

Denise Gama da Silva – UFAC ¹

Ilcilene Antonia Lourenço Dias – UFAC ²

Ana Paula de Paula da Silva – UFAC ³

Ademárcia Lopes de Oliveira Costa – UFAC ⁴

Eixo Temático 2: Propostas Curriculares e Práticas Pedagógicas

RESUMO

Partindo do pressuposto de que o maior e o mais urgente desafio da educação inclusiva é o melhoramento das respostas educativas da escola, o presente estudo tem como objetivo refletir sobre a importância da autoavaliação do professor para efetivação de uma prática pedagógica inclusiva no ensino regular. Para tanto, fez-se uso de uma pesquisa qualitativa, descritiva e bibliográfica, com o subsídio de obras de autores como Freire (2019), Mantoan (2015) e Carvalho (2018, 2019), Pimenta (2012), Romanowski (2010), entre outros. Os resultados evidenciam que os próprios docentes, ponderam suas práticas e podem fomentar alternativas para a promoção de uma aprendizagem gradual de seus alunos. A riqueza que a autoavaliação permite ao professor é imensurável para a proposta inclusiva, uma vez que é um exercício constante e traz uma conotação de incompletude como bem requer o ensino na diversidade. Além disso, a pesquisa revela que faz-se consenso de que as práticas pedagógicas dos professores é um dos fatores preponderantes para a educação de qualidade que a educação inclusiva prima, logo, é imprescindível que haja reflexão crítica sobre a prática exercida, para a possibilidade de mudança de perspectiva, pois não basta apenas refletir se não há a disponibilidade para mudança. Nesse sentido, autoavaliar-se, pode possibilitar

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE na Universidade Federal do Acre – UFAC. Campus, Rio Branco –E-mail: denisegama0@gmail.com.

² Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Ensino de Humanidades e Linguagem – PEHL na Universidade Federal do Acre – UFAC, Campus Floresta–E-mail: ilcydias@gmail.com.

³ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Ensino de Humanidades e Linguagem – PPEHL na Universidade Federal do Acre – UFAC, Campus Floresta – Acre E-mail: aliciadpaula@gmail.com.

⁴ Docente do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Humanidades e Linguagens – PPEHL. Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE. Universidade Federal do Acre – (UFAC. E-mail: ademarciaocosta@gmail.com).

evitar a segregação e a exclusão dos alunos como a educação na perspectiva inclusiva, propõe. A partir de todas as discussões e reflexões apresentadas neste trabalho, conclui-se que a autoavaliação docente consolidada pela formação do professor é essencial para que as práticas pedagógicas sejam reorganizadas, com vista ao reconhecimento da valorização das diferenças de todos os alunos.

Palavras-Chave: Autoavaliação. Educação Inclusiva. Educação Especial. Práticas Pedagógicas

1 INTRODUÇÃO

A educação na perspectiva inclusiva tem ansiado possibilitar aos alunos indistintamente uma aprendizagem em que possam se desenvolver segundo suas potencialidades, sendo as práticas pedagógicas dos professores fatores preponderantes neste intuito. Nestas práticas são vários os aspectos que merecem atenção para a otimização da proposta inclusiva, todavia, o presente trabalho busca conjecturar sobre um desses aspectos, a saber: refletir sobre a importância da autoavaliação do professor para efetivação de uma prática pedagógica inclusiva no ensino regular.

Buscando uma melhor compreensão sobre a temática trazemos um breve esclarecimento sobre a educação inclusiva, movimento que emergiu acentuadamente a partir de 1990 com dois grandes movimentos: a Conferência de Jomtien (UNESCO, 1990) e a Conferência de Salamanca (UNESCO, 1994), essas conferências objetivaram romper com a exclusão das pessoas consideradas “incapazes pela sociedade”. A partir desses movimentos foram elaborados documentos denominados de Declaração de Jomtien e Declaração de Salamanca. Especificamente na Declaração de Jomtien se estabelecem compromissos mundiais para garantir a todas as pessoas o direito a educação para uma vida mais digna e justa. A Declaração de Salamanca sugere que o público-alvo da educação especial³ possa frequentar a rede regular de ensino e tem como objetivo

promover a educação para todos analisando as mudanças políticas fundamentais e necessárias para fornecer o enfoque da educação integradora, capacitando realmente as escolas para atender a todas

³ Esse público compreende hoje com a Política Nacional da Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (BRASIL, 2008) alunos com deficiência, transtornos globais de desenvolvimento e com altas habilidades/superdotação.

as crianças, sobretudo às que têm necessidades educacionais especiais (CARVALHO, 2018, p.79).

A exposição acima faz a alusão para a educação inclusiva e suscita a discussão para quem ela se destina. Mas afinal o que é a educação inclusiva? Mantoan (2015) exprime essa ideia quando compreende “uma educação voltada à cidadania global, plena, livre de preconceitos, que reconhece e valoriza as diferenças” (p. 24).

Diante dessa conceituação somos conduzidos a pensar em uma escola com o emaranhado de singularidades inerentes no cotidiano escolar e sobreposto a isso a gama de saberes que os alunos já possuem. No intuito de gerir esses saberes a autoavaliação docente possibilita um olhar mais preciso sobre a prática que estar sendo perpetrada, a qualidade de ensino que os alunos necessitam para evoluírem significativamente.

Esse estudo torna-se relevante tendo em vista que através da autoavaliação o professor analisa e toma consciência sobre a prática pedagógica exercida na sala de aula. Nessa direção, o conhecimento não apenas de si torna-se fundante, mas, sobretudo, o conhecimento das possibilidades dos alunos é elemento essencial para uma prática inclusiva que seja permeada pela autoavaliação docente.

Fundamentarão este estudo os autores Freire (2019), Mantoan (2015), Carvalho (2018), Pimenta (2012), Franco (2012), Romanowski (2010), dentre outros.

O texto estará organizado em seis partes, a saber: A introdução que ora apresenta o tema e o objetivo do estudo; o referencial teórico abordando conceitos basilares do estudo como educação inclusiva, autoavaliação e prática pedagógica; a metodologia adotada no estudo, na qual está registrado o caminho percorrido pelos pesquisadores para fundamentação e coleta dos dados; os resultados e discussões, com os achados da pesquisa; as considerações finais, apontando os limites da pesquisa e, por fim, as referências que deram subsídio ao trabalho.

2 A AUTOAVALIAÇÃO NA PERSPECTIVA DE UMA PRÁTICA DOCENTE INCLUSIVA

Inicialmente apontamos a autoavaliação como uma ferramenta indispensável a prática pedagógica inclusiva, pensar em inclusão necessariamente precisamos ponderar sobre o favorecimento da aprendizagem de todos os alunos indistintamente. Carvalho (2019) propõe a remoção de barreiras na prática pedagógica em sala de aula e explicita diversos fatores para a aprendizagem do aluno, entre eles cita a flexibilidade que “traduz-se pela capacidade do professor de modificar planos e atividades à medida que as reações dos alunos vão oferecendo novas pistas” (p. 52). A flexibilização só é possível a partir da autoavaliação do professor pois

A autoavaliação consiste em um processo no qual os professores são seus próprios avaliadores e, assim, responsáveis por estabelecer juízos de valor sobre a própria performance. O principal objetivo é fazer com que os professores tomem consciência das suas práticas, por meio da reflexão e interpretação de dados e, com isso, possam identificar o que precisam fazer para melhorar seu desempenho. Vale dizer que, para algumas concepções sobre o trabalho docente, a autoavaliação deve fazer parte das atribuições cotidianas de todos os professores (CASSETTARI, 2014, 184).

Para tanto, as práticas pedagógicas carecem ser refletidas, pois estas práticas se desenvolvem na interação entre alunos e professores. Nessa direção, faz-se importante esclarecer o real conceito de práticas pedagógicas. Franco (2012) explica que as práticas pedagógicas são:

práticas sociais exercidas com a finalidade de concretizar processos pedagógicos [...]. Práticas que se organizam intencionalmente para atender a determinadas expectativas educacionais solicitadas/requeridas por dada comunidade (FRANCO, 2012, p. 152 e 155).

Nesta lógica de concretização do trabalho pedagógico é importante pensar no papel do professor, pois é ele que tem a função de conduzir o processo de aprendizagem dos alunos. Todavia, Franco (2012) explica que “o professor sozinho não transforma a sala de aula, as práticas pedagógicas funcionam como espaço de diálogo: ressonância e reverberação das mediações entre sociedade e sala de aula” (p. 162).

Notadamente, para que esse diálogo aconteça de forma que sejam utilizados os saberes advindos da sociedade para apreciação em sala de aula, o professor precisa assumir uma postura crítica. Freire (2019) propõe essa

postura quando alude para ideias da reflexão crítica do professor sobre sua prática, acenando para um fazer coerente com a realidade em que está inserido. Salienta que “a prática docente crítica [...] envolve o movimento dinâmico e dialético entre o fazer e o pensar sobre o fazer” (FREIRE, 2019, p. 39). O autor alerta para ruptura de uma prática arraigada apenas no que ele denomina de curiosidade ingênua, sugere a rigorosidade metódica onde alunos e professores são críticos e igualmente sujeitos no processo de ensino, assim, sustentados pela curiosidade epistemológica.

A autoavaliação que o professor faz de sua prática não pode apresentar uma conotação segregacionista e discriminatória, onde no intuito de ensinar a todos os alunos, diferencia o currículo para os alunos de acordo com seus graus de dificuldade ou deficiência. Conforme Mantoan (2015) “na visão inclusiva, o ensino diferenciado continua segregando e discriminando os alunos dentro e fora das salas de aula” (p. 69).

Essa característica segregatória e discriminatória exige do professor refletir sobre seu fazer. Freire (2019) destaca a necessidade da criticidade e sua perspectiva nos move a investigar o mundo que temos, transformando-o. Essa criticidade ou autocrítica, nomeada neste trabalho de autoavaliação é possibilitada pela formação continuada ou em serviço apontada por Freire (2019), Carvalho (2018) e Mantoan (2015). Os três autores veem a formação como um momento imprescindível para a “avaliação crítica e compartilhada” (CARVALHO, 2018, p. 163). Com base no exposto podemos afirmar que:

Na escola inclusiva o professor deve ser especialista em aprendizes, genericamente considerados e não mais em especificidades que caracterizam determinados grupos ou alunos como cegos, surdos, com paralisia cerebral, retardo mental, autismo, etc. [...] escolas inclusivas são para todos, implicando um sistema educacional que reconheça e atenda às diferenças individuais, respeitando as necessidades de qualquer dos alunos (CARVALHO, 2018, p. 31).

É na formação, nesses momentos de interação e diálogo com outros autores que os saberes são construídos e as práticas pedagógicas são passíveis de “remover barreiras para a aprendizagem” como nos sugere Carvalho (2018). A premissa da educação inclusiva é a emancipação do aluno, que se dar a partir da valorização e do reconhecimento de suas potencialidades “a formação de

professores reflexivos compreende um projeto humano emancipatório (PIMENTA, 2012, p. 34).

Mantoan (2015, p. 81) propõe a formação como “o exercício constante e sistêmico de compartilhamento de ideias, sentimentos e ações” para obtenção do sucesso para a inclusão. Devemos compreender que na educação nada é estanque, como bem menciona Carvalho (2018)

[...]. A formação continuada é uma das estratégias que nos permite desalojar o estatuído, substituindo-o por novas teorias e novas práticas alicerçadas em outra leitura de mundo e, principalmente, na crença da infinita riqueza de potencialidades humanas (as nossas e as de nossos alunos) (p. 163).

A necessidade de “desalojar o estatuído” se dá pelo fato de que o ser humano é inacabado e por estar em um constante estado de desenvolvimento requer novas possibilidades para seu crescimento. Desse modo, torna-se imperativo, práticas pedagógicas fundamentadas em saberes pedagógicos colaboradores da prática, isso porque a prática de acordo com Pimenta (2012) faz-se anterior a teoria o que não significa dizer que uma se sobrepõe a outra e sim, que ambas possuem íntima dependência o que podemos concluir que teoria não subsiste sem a prática ou vice versa.

Teoria e prática se agregam para promover um ensino de qualidade, inerente a esse processo se sobressai, a chamada autoavaliação docente (objeto de nosso estudo). Autoavaliando-se o docente valida sua prática pedagógica, e auxilia os alunos a construir seus próprios conhecimentos. Neste ato de autoavaliar-se, suscitamos discussões para um dos saberes que Paulo Freire (2019) aponta como necessária a prática, ou seja, a pesquisa. Entendendo sua incompletude o professor pesquisa para “conhecer o que ainda não conhece e comunicar, anunciar a novidade” (p.31). Desta forma, ao autoavaliar-se o professor insurge no campo da pesquisa provocando a ruptura da curiosidade ingênua, emergindo para a curiosidade epistemológica possibilitando uma aprendizagem emancipatória e plural a todos os educandos.

Nessa perspectiva, a teoria estabelece junto à prática o seu papel social que consiste em auxiliar na compreensão e resolução de problemas. Para Melo; Urbanetz (2008) a prática é o verdadeiro parâmetro da teoria no sentido em que a realidade aparece como ponto de partida para a reflexão e espaço de novas mudanças efetivas. Assim em sua prática pedagógica os professores

possuem dificuldades quanto às práticas de inclusão de alunos com deficiência no ensino regular.

Para Romanowski (2010) a sala de aula é um ambiente de diversidade, pois nela temos várias realidades e contextos diferentes. É necessário que o professor reflita sobre as diferenças dos alunos não só em um contexto de educação inclusiva, mas no sentido social em que cada educando possui valores, crenças, hábitos e capacidades cognitivas diferentes em relação à aprendizagem. Frente a essas dificuldades encontradas pelos professores no que se refere à conciliação da teoria versus a prática, Romanowski (2010) nos aconselha a confrontar os problemas e buscar alternativas para os problemas.

Pois ensinar na perspectiva inclusiva no entender de Mantoan (2015) é preciso ressignificar o papel do professor, da escola, da educação de todos que são envolvidos diretamente nesse processo. É preciso romper alguns paradigmas tradicionais da educação como a velha crença de que os cursos de formação têm a solução para os problemas que surgem na sala de aula inclusiva.

Se autoavaliando o professor permeia sua prática pedagógica e apoiado em seus saberes auxilia os alunos a construírem seus próprios conhecimentos. Assim, a autoavaliação por parte do professor é de suma importância, pois se entende que os processos reflexivos estão inteiramente ligados com a teoria e a prática. Para Romanowski (2010) teoria e prática possuem uma relação permanente no fazer do professor.

Nesse entendimento ao refletir sobre a prática pedagógica o professor tem as condições necessárias para organizar o seu planejamento dentro do processo de ensino-aprendizagem e assim ser um mediador dentro da escola inclusiva possibilitando aos alunos com deficiência mais condições de aprendizagem.

Mediante o exposto Carvalho (2009) explica que muitas das dificuldades enfrentadas pelos professores se dão por não se sentirem preparados ou por não terem formação adequada para atuar dentro da sala de aula inclusiva, a autora salienta que muitas dessas barreiras podem ser enfrentadas por meio da criatividade do professor enquanto profissional que ensina, mas também aprende com seus alunos.

Ainda na visão de Carvalho (2009) os professores que se identificam como profissionais da aprendizagem tornam suas aulas mais prazerosas,

Educadores que se identificam como profissionais da aprendizagem transformam suas salas de aula em espaços prazerosos onde, tanto eles como os alunos são cúmplices de uma aventura que é o aprender, o aprender a aprender e o aprender a pensar. (CARVALHO, 2009, p. 65)

Ao refletir sobre sua prática o docente deve levar em conta esses fatores que poderão contribuir com sua prática pedagógica dentro da escola. Pois se entende que a interação entre professor e aluno é muito importante e esse profissional responsável pelo ensino precisa ter consciência que na medida em que ensina também aprende e não pode esquecer-se de levar em consideração que os alunos têm capacidade para contribuir com a própria aprendizagem.

Carvalho (2009) complementa que a criatividade do professor somada ao pensamento de que aprendizagem é possível para todos os alunos são estímulos para os educadores acreditarem em seu potencial frente à educação inclusiva.

Portanto, não ter uma formação inicial na perspectiva inclusiva, ou não se sentir preparado para atuar frente às diversidades da sala de aula, não faz do professor menos profissional. Vale ressaltar que é de suma importância a formação continuada, não vista como a solução para todos os problemas, mas como um suporte teórico metodológico que levará a construção da prática docente inclusiva por meio da junção teoria e prática para que todos os alunos sejam alcançados dentro do processo ensino-aprendizagem.

3 METODOLOGIA

Esta pesquisa é de abordagem qualitativa, de natureza aplicada, quanto aos objetivos descritiva e quanto aos procedimentos, bibliográfica. Para maior compreensão sobre a abordagem qualitativa utilizamos Minayo por explicitar que essa abordagem

[...] trabalha com um universo de significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Esse conjunto de fenômenos humanos é entendido aqui como parte da realidade social, pois, o ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes. (MINAYO, 2009, p. 21).

Quanto a pesquisa descritiva citamos Prodanov (2013) quando assinala que nessa pesquisa

[...] o pesquisador apenas registra e descreve os fatos observados sem interferir neles. Visa a descrever as características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis. Envolve o uso de técnicas padronizadas de coleta de dados: questionário e observação sistemática. Assume, em geral, a forma de Levantamento. (PRODANOV, 2013, p. 52).

Entendendo a grande relevância da pesquisa bibliográfica e as informações que seus inúmeros materiais nos permitem, com destaque para livros, “publicações em periódicos e artigos científicos”, optamos por utilizá-la com cautela pois nesse tipo de pesquisa “é importante que o pesquisador verifique a veracidade dos dados obtidos, observando as possíveis incoerências ou contradições que as obras possam apresentar” (PRODANOV, 2013, p. 54).

Para substanciar o trabalho ora apresentado realizamos uma sucinta busca em algumas bibliotecas virtuais referente a temática além de nos apoiarmos em determinados momentos na obras de autores como Freire (2019), Mantoan (2015), Carvalho (2018), Pimenta (2012), Franco (2012), Romanowski (2010), (2019). Além disso, para legitimar os achados, descritos a seguir nos embasamos em Roza (2005), Santos (2010), Baú (2014), CAstr e Alves (2018) e Carvalho (2019).

4 DISCUSSÃO E RESULTADOS

Iniciamos essa discussão trazendo a alocação de Carvalho (2019) quando menciona que a remoção de barreiras na prática pedagógica em sala de aula sugere diversos fatores, entre eles, a vontade política, essa que é significativa por possibilitar recursos para efetivação da educação inclusiva, todavia, segundo a autora em sala de aula muitas dessas barreiras podem ser eliminadas e assinala o professor como viabilizador de práticas determinantes ao processo inclusivo.

Amparados nesta ideia inicial apresentamos em nossas discussões e resultados, os estudos realizados por alguns pesquisadores percorridos em dissertações e artigos científicos, com o intuito de problematizarmos a

importância da autoavaliação para uma prática pedagógica na perspectiva inclusiva.

Santos (2010) em sua pesquisa de mestrado buscou refletir sobre o desenvolvimento de uma prática pedagógica bem sucedida de uma professora de Minas Gerais. Foi oportunizado a docente ajuizar sobre seu fazer em sala de aula visando favorecer a aprendizagem dos alunos e conseqüentemente o avanço de suas trajetórias escolares. Os dados da pesquisa mostram a importância de uma prática diversificada, planejada a partir de uma avaliação diagnóstica, processual e contínua. O estudo propõe ainda a reflexão individual e coletiva sobre a prática executada visando a aprendizagem dos alunos.

Embora o estudo não faça alusão específica a educação inclusiva, quando se propõe uma prática diversificada permeada por uma avaliação diagnóstica inicial que continuamente se faz no contexto da sala de aula, na qual a reflexão sobre a prática acontece principalmente de forma coletiva, tem-se uma prática pedagógica inclusiva.

A ponderação ou mais explicitamente a autoavaliação da prática exercida pelo professor, inevitavelmente traz melhoria ao seu fazer docente junto ao aluno, entretanto, esse profissional necessita ser amparado no seu trabalho por diversos fatores, aqui destacamos sua formação, seja inicial, continuada ou em serviço.

Objetivando discutir a formação inicial dos professores para a proposição de práticas pedagógicas inclusivas Castro e Alves (2018) apresentam um estudo em que os resultados revelam a necessidade de uma política de formação de professores que forneça contribuições teóricas para subsidiar o trabalho docente em sua prática.

Ainda nesta direção Baú (2014) realizou alguns apontamentos sobre a formação de professores na perspectiva da educação inclusiva para uma melhor atuação no atendimento dos alunos público-alvo da educação especial, na rede regular de ensino. Sua pesquisa mostrou que a formação dos professores é um dos compromissos das instituições de ensino para desenvolver habilidades e competências para a atuação eficiente do professor.

Sugere ainda que as pessoas envolvidas aceitem os desafios e acreditem na possibilidade que a educação inclusiva propõe.

Roza (2005) apresentou um estudo visando investigar como os discentes e docentes concebem e vivenciam o ensino com pesquisa no processo de formação de professores, quais as intenções limitações e suas práticas. Foram lócus da pesquisa duas universidades de Porto Alegre. Os participantes entenderam a pesquisa como fio articulador na construção do conhecimento com um papel social de grande relevância. Esclareceu que as práticas pedagógicas de ensino com pesquisa estão inteiramente ligadas as percepções de pesquisa dos professores e que as universidades devem implementar espaços onde as experiências de pesquisa possam ser compartilhadas com toda a comunidade acadêmica.

Carvalho (2019) corrobora com o pensamento acima exposto e afirma que a pesquisa seja ela realizado pelo aluno ou o professor é uma forma de remover barreiras à aprendizagem. No primeiro caso, o aluno torna-se um descobridor e no segundo, com relação ao professor “deve observar e registrar dados para, depois de avaliados, servirem para a formulação de teorias oriundas da prática” (p. 53)

Esse estudo nos revela que nenhum conhecimento tem importância se não for compartilhado, o partilhar dos achados pode nortear os docentes a buscarem novas perspectivas para sua atuação profissional. No compartilhar, os professores inevitavelmente se autoavaliam e conseqüentemente regam sua prática em busca de uma educação de qualidade.

Os estudos aqui analisados evidenciam que a Educação Especial na Perspectiva Inclusiva viabiliza um trabalho de valorização das diferenças, preterindo as ações diferenciadas que tendem a segregar, buscando inculcar valores e respeito às dificuldades que os alunos já possuem, todavia, são necessárias e imprescindíveis às adequações na prática pedagógica, o que não significa dizer que outro currículo precisa ser elaborado para atender o público alvo da educação especial, tendo em vista que o ato de incluir se estende a todos os alunos que estão no ambiente escolar.

5 CONCLUSÕES

Os autores que fundamentaram esse estudo recomendam a formação continuada como aspecto inerente a práticas pedagógicas possibilitadoras da autoavaliação do professor, onde há viabilidade para compartilhamento de ideias, de experiências entre os colegas, trazendo à tona realidades distintas e cruciais para suscitarem discussões sobre possíveis processos educacionais de sucesso.

Nessas discussões, os próprios docentes, ponderam suas práticas e podem fomentar alternativas para a promoção de uma aprendizagem gradual de seus alunos. A riqueza que a autoavaliação permite ao professor é imensurável para a proposta inclusiva, uma vez que é um exercício constante e traz uma conotação de incompletude como bem requer o ensino na diversidade. A prática da pesquisa impetra subsidiar o que muitas vezes o professor desconhece.

Nesse entendimento, podemos afirmar que nos diálogos estabelecidos com os autores, tanto no referencial teórico quanto nos dados coletados, faz-se consenso de que as práticas pedagógicas dos professores é um dos fatores preponderantes para a educação de qualidade que a educação inclusiva prima, logo, é imprescindível que haja reflexão crítica sobre a prática exercida, para a possibilidade de mudança de perspectiva, pois não basta apenas refletir se não há a disponibilidade para mudança. A inclusão escolar exige que o professor se permita promover-se da curiosidade ingênua a curiosidade epistemológica, como nos propõe Freire (2019). Nesse sentido, autoavaliar-se, pode possibilitar evitar a segregação e a exclusão dos alunos como a educação na perspectiva inclusiva, propõe.

A partir de todas as discussões e reflexões apresentadas neste trabalho, conclui-se que a autoavaliação docente consolidada pela formação do professor é essencial para que as práticas pedagógicas sejam reorganizadas, com vista ao reconhecimento da valorização das diferenças de todos os alunos.

REFERÊNCIAS

- BAÚ, Marlene Alamani. **Formação de professores e a educação inclusiva**. Revista Eletrônica Científica, Paraná, v. 2, n.10, p. 49- 57, 2014.
- CARVALHO, Rosita Edler. **Educação inclusiva: com os pingos nos “is”**. 12. ed. Porto Alegre: Mediação, 2018.
- CARVALHO, Rosita Edler. **Removendo barreiras para a aprendizagem: educação inclusiva** – Porto Alegre: Mediação, 2009.
- CARVALHO, Rosita Edler. **Removendo barreiras para a aprendizagem: educação inclusiva**. 11.ed. Porto Alegre: Mediação, 2019.
- CASTRO, Paula Almeida de; ALVES, Cleidiane de Oliveira Souza. **Formação docente e práticas pedagógicas inclusivas**. Revista Multidisciplinar de Ensino de Pesquisa. Extensão e Cultura do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (CAp- UERJ), Rio de Janeiro, v.7, n. 16, p. 1-25, 2018.
- CASSETTARI, Nathalia. **Avaliação de professores: uma questão de escolhas**. Estudos em Avaliação educacional, São Paulo, v.25, n.57, p. 166-197, 2014.
- FRANCO, Maria Amélia do Rosário Santoro. **Pedagogia e prática docente**. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2012.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 58. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.
- MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar: o que é? Por quê? Como fazer?** 1. reimpressão. São Paulo: Summus, 2015.
- MELO, Alessandro de; URBANETZ, Sandra Terezinha. **Fundamentos de didática**. Curitiba: Ibpex, 2008.
- PIMENTA, Selma Garrido. **Saberes pedagógicos e atividade docente**. 8. Ed. São Paulo: Cortez, 2012.
- ROMANOWSKI, Joana Paulin. **Formação e profissionalização docente** – 4. ed.rev. Curitiba: Ibpex, 2010.
- ROZA, Jacira Pinto da. **A pesquisa no processo de formação de professores: intenções e experiências docentes e discentes e as limitações desse exercício- Um olhar sobre duas realidades educacionais**. 2005.166.p. Dissertação (mestrado em Educação), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005
- SANTOS, Maricéa do Sacramento. **Reflexão e prática de uma professora bem-sucedida**. 2010. 19, p. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal de São João Del-Rei, Minas Gerais, 2010.